

ENTREVISTA

“Existe no Brasil uma perseguição reiterada, diária, dos artistas”

Actriz de teatro e cinema, dramaturga e encenadora, a brasileira **Grace Passô** estreia-se em Portugal com *Preto*, espectáculo de Marcio Abreu, e com o seu multipremiado e poderoso solo *Vaga Carne*, um dos destaques do FITEI. Para ver na Mala Voadora a 18 e 19 de Maio.

Como surgiu este seu primeiro solo?

O *Vaga Carne* é a continuação de uma pesquisa e de um pensamento sobre teatro, e também sobre o caminho da construção das identidades na colectividade. A personagem principal é uma voz que se apresenta como algo capaz de invadir qualquer matéria. Em determinado momento, resolve invadir o corpo de uma mulher. O meu corpo. Então aí essa voz passa a narrar esse corpo por dentro, subjectivamente. Quando encontra os olhos da mulher, começa a perceber o olhar da sociedade sobre esse corpo. *Vaga Carne* é uma tentativa de negociação entre as questões mais subjectivas e as questões exteriores da existência de um corpo de mulher.

É muito interessante esta dinâmica entre voz e corpo, como se fossem duas entidades independentes. Por um lado, parece-me uma referência ao silenciamento das vozes das mulheres negras. Por outro, passa também a ideia de que a voz e a subjectividade de uma pessoa não estão apenas dependentes do seu corpo e das categorias que ele representa social e politicamente.

A linguagem nesta peça é metafórica. Logo, abre várias possibilidades de leitura. Mas faz sentido isso que você fala. Todo o processo de construção identitária, tanto através da linguagem das militâncias, como do processo político na sociedade, traz questões extremamente contraditórias para nós. A necessidade de nomear existências como a minha é essencial para que uma

sociedade baseada tão insistentemente nas opressões consiga criar campos para que determinados corpos existam de facto. Ao mesmo tempo, esse processo de nomear o que nós significamos na sociedade também produz contradições nas nossas existências. O que nos cabe, enquanto sociedade, é encarar o nível de complexidade na construção social desses corpos. Tudo o que existe em volta das ideias sobre o que é mulher e o que é negritude deve estar em movimento. O *Vaga Carne* é um corpo que se vai construindo, procurando uma fala que se vai tentando colocar na sociedade. Nesses devires de existência, obviamente que há identidades de que ele se quer desvincular, um pouco como a saga do corpo da mulher, e da mulher negra, na sociedade. É uma narrativa que não busca dominar os sentidos, não tem essa relação colonial.

Nesta peça aborda-se de forma metafórica questões como o lugar da mulher negra na sociedade, o racismo, o machismo. Em tempos tão difíceis como aqueles que se vivem no Brasil, a metáfora ainda é possível?

A gente vive um momento em que existe uma necessidade do discurso directo. O que existe agora no Brasil é uma banalização escancarada da violência, a imposição de um pensamento extremamente conservador que exclui pessoas, identidades, histórias. Nesse sentido, as nossas falas vêm sendo urgentemente colocadas de forma

“Eu digo isso com muita consciência: existe hoje uma potência da arte preta que é a verdadeira potência da arte contemporânea brasileira.”

mais directa, porque existe toda uma apropriação e colonização das nossas falas. Um dos motivos pelos quais decidi interpretar esta peça foi para que não houvesse espaço para ser encenada de uma forma escapista. Actuar nesta peça é uma forma de não deixar que a poesia e a metáfora dela sejam compradas para fingir que não estamos falando de identidades, como as do corpo de uma mulher brasileira, de uma mulher brasileira negra. E os corpos das mulheres negras são infinitos, são diversos. Estar em evidência no *Vaga Carne* é muito importante. Historicamente, no Brasil, o meu corpo representa uma resistência. É indissociável não se reflectir sobre racismo institucionalizado quando é um corpo de uma mulher negra.

Ou seja, a metáfora e a poesia também podem ser directas nas suas intenções.

Exactamente. Acho que existe uma ideia romantizada do que significa poesia e

FOTOGRAFIA: AL GALOBAHIA



“ Quando estreei, existia uma urgência das pessoas em falarem. Mas nos últimos tempos as pessoas gritam.”

metáfora. Aqui elas apontam para um lugar.

A certa altura na peça, alguns espectadores lançam palavras e a Grace trabalha nelas. Isso acontece espontaneamente ou é previamente combinado?

Acontece no momento. Faço a peça desde 2016 e o Brasil mudou muito desde então. Passei pelo afastamento da ex-presidenta Dilma Rousseff, pelo Fora Temer... Através da peça, eu vivo as palavras do momento, sabe? Quando estreei, existia uma urgência das pessoas em falarem. Mas nos últimos tempos as pessoas gritam.

Actualmente, no Brasil, é mais difícil fazer teatro, apresentar peças mais politizadas?

Está extremamente difícil fazer arte no Brasil. O Ministério da Cultura foi um dos ministérios extintos. Existe um investimento publicitário deste governo para popularizar a ideia de que uma série de leis de incentivo fiscal, que fazem a arte existir no país, são erradas e fruto de corrupção. Como a Lei Rouanet, que é o principal mecanismo de viabilização da arte no Brasil. E, fora isso, existe uma perseguição reiterada, diária, dos artistas. O governo tenta gerar uma ideia entre a população de que os artistas são criminosos e pessoas da elite. O que não é verdade. Essa perseguição tem vindo a ser feita há muito tempo, inclusive antes de Bolsonaro. A situação está trágica, cada vez mais, mas mesmo assim existe uma resistência muito grande.

Há artistas brasileiros que estão a pensar no exílio. Já lhe passou isso pela cabeça?

Pois é... [longo suspiro]. No caso do ex-deputado federal Jean Wyllys, ele foi obrigado a exilar-se. Eu ainda não fui e também não me posso exilar. O Brasil tem um histórico de injustiça enorme, há muito tempo. O povo negro vive numa opressão e ditadura há muitos anos. Ao mesmo tempo, existe um repertório de resistência muito grande. E existe hoje no Brasil uma força gigantesca da arte preta. Eu digo isso com muita consciência: existe hoje uma potência da arte preta que é a verdadeira potência da arte contemporânea brasileira.

É preciso estar no Brasil para ajudar a mudar o rumo do país?

Acho que há muitas formas de mudar o rumo. Por exemplo, o Jean Wyllys está ajudando, fora do Brasil, à luta pela redemocratização do país. Cada um tem o seu modo de luta, que tem a ver com a sua história, o seu repertório e com o que pode fazer. O que já entendemos hoje é que, diante da barbárie, não dá para se esconder. Há uma frase da [escritora brasileira] Conceição Evaristo que é: “Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer”. E é meio isso: a gente combinamos de não morrer. ■